

QUILOMBOS DE GARANHUNS: resistência, cultura e sustento

Israelly Soares Gomes

prof.isasoares@gmail.com

Ciro Linhares Azevedo, Creuza J. Alves Teles e Pedro Fernando dos Santos

ciro.azevedo@garanhuns.ifpe.edu.br creuzatimbo2@gmail.com e
pedrinho_quilombola@hotmail.com

RESUMO

Este projeto surgiu a partir de uma sequência didática desenvolvida e aplicada no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do IFPE - Campus Garanhuns, especificamente no componente curricular de Identidade Docente e Educação Antirracista. A inquietação observada foi a persistência de uma perspectiva eurocêntrica nos currículos escolares que produz violências, silenciamentos e apagamentos sobre a história e a cultura de populações quilombolas do município de Garanhuns-PE. Neste projeto foi elaborada uma sequência de envolvimento pedagógicos com objetivo de integrar a história local e a cultura quilombola com estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, em toda a rede de ensino do município de Garanhuns-PE. As vivências poderão ser realizadas através de vídeo-aulas, rodas de conversa, explicações, contação de histórias, atividades práticas e deslocamentos territoriais. Unindo o princípio da circularidade dos saberes e da biointeração, conceitos apresentados pelo filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos, e a cultura do cultivo da mandioca no Quilombo do Castainho¹, surgem doze vivências voltadas para o compartilhamento de saberes sobre organização social, história, ancestralidade, territorialidade e valorização do bem viver das comunidades quilombolas da região. As áreas do conhecimento contempladas são Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Arte, conforme o currículo escolar do estado de Pernambuco. Utilizo-me das contribuições teóricas de três autores, são eles: Antônio Bispo dos Santos, Daniel Munduruku e Eliane Cavalleiro. O projeto é importante porque oferece um modelo prático na perspectiva contracolonial do currículo escolar, promovendo a valorização das culturas tradicionais e contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa da diversidade étnico-racial.

Palavras-chave: Antirracista; Contracolonial; Currículo.

¹ O Quilombo do Castainho está situado em Garanhuns-PE e possui grande relevância histórica e cultural. Esse quilombo é um dos muitos que simbolizam a resistência dos povos afro-brasileiros desde o período colonial. Atualmente, o Quilombo do Castainho é reconhecido como uma Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ), sendo protegido pela legislação brasileira e promovendo a preservação de sua herança cultural e histórica.

1 INTRODUÇÃO

A pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista teve impactos significativos na minha formação continuada enquanto professora negra que atua na educação básica em escola pública. Os componentes curriculares juntamente com os encontros de identidades, saberes e culturas proporcionados pelo curso, pôde me ajudar a fortalecer minha identidade racial e cultural, proporcionando maior segurança em minha atuação profissional. Reconhecer-se como protagonista em um processo educativo transformador é essencial, especialmente em contextos onde o racismo e as desigualdades sociais são estruturalmente marcantes.

A formação intercultural, que integra as perspectivas indígenas, quilombolas e antirracistas, me ofereceu ferramentas e conhecimentos teóricos e práticos que podem ser aplicados diretamente em sala de aula. Isso inclui abordagens pedagógicas que valorizam a pluralidade cultural e fomentam o respeito às diferentes identidades e histórias dos alunos. A pós-graduação contribuiu para a crítica e a superação de currículos escolares eurocêntricos, promovendo práticas pedagógicas que reconhecem e valorizam os saberes tradicionais, as culturas afro-brasileiras e indígenas. Isso reflete diretamente na construção de uma educação mais justa e inclusiva.

Ao ingressar nessa capacitação para trabalhar com perspectivas antirracistas e interculturais, passei a ser uma agente ativa, mais forte e mais convicta na luta contra o racismo dentro e fora do ambiente escolar. Essa atuação colabora para transformar a escola em um espaço que promove a equidade e a justiça social.

Acredito que esta formação me estimulou a criar projetos pedagógicos que dialoguem com a realidade dos estudantes, principalmente aqueles que pertencem a comunidades indígenas, quilombolas ou que enfrentam exclusão social. Esses projetos podem impactar positivamente a relação dos alunos com o processo educativo, aumentando sua autoestima e senso de pertencimento.

Com os conhecimentos adquiridos, pude influenciar a gestão e os colegas de trabalho na adoção de práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para a transformação da cultura escolar e a implementação das Leis Nacionais e Diretrizes Curriculares que orientam a Educação para Relações Étnico-Raciais.

O contexto da escola pública brasileira é marcado por desafios estruturais, como a falta de recursos e o preconceito. A minha formação em educação intercultural e antirracista oferece ferramentas para lidar com essas dificuldades, fortalecendo minha capacidade de resistência e ação transformadora.

Por fim, posso afirmar que sou uma professora negra com formação especializada em educação intercultural e antirracista. Tornei-me um exemplo positivo e inspiração para meus alunos, especialmente para aqueles que compartilham da mesma identidade racial e enfrentam situações de opressão ou exclusão social. A representatividade fortalece a ideia de que pessoas negras podem ocupar espaços de protagonismo acadêmico e profissional, contribuindo para a construção de uma autoimagem positiva nos estudantes.

Em resumo, essa pós-graduação não só transformou a minha prática em sala de aula, mas também contribuiu para mudanças estruturais no sistema educacional, tornando-o mais inclusivo e comprometido com a justiça social.

2 DESENVOLVIMENTO

O projeto alinha-se às diretrizes do Currículo de Pernambuco e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), integrando a valorização da diversidade cultural e o reconhecimento dos saberes tradicionais das comunidades quilombolas e indígenas como ferramentas de ensino e formação cidadã. Utiliza-se também de contribuições teóricas de três autores, são eles: Antônio Bispo dos Santos, Daniel Munduruku e Eliane Cavalleiro.

Estes documentos curriculares enfatizam o reconhecimento das identidades culturais e dos saberes tradicionais contribuindo para práticas pedagógicas que respeitam as diferenças e promovem a igualdade; e a integração de perspectivas interculturais na formação dos estudantes para fomentar o respeito mútuo e a consciência crítica sobre as desigualdades sociais e históricas.

Embora a BNCC e o Currículo de Pernambuco promovam a valorização da diversidade cultural, muitos educadores aplicam essas diretrizes de maneira superficial ou mecânica, sem um entendimento profundo do contexto histórico, cultural e social das comunidades indígenas, quilombolas e negras. Isso ocorre porque:

1. Muitos professores não recebem formação suficiente em educação antirracista e intercultural, levando a práticas que reforçam preconceitos;
2. A pressão para cumprir "metas" curriculares faz com que temas como diversidade cultural sejam tratados como tópicos marginais, abordados de forma genérica e sem ligação com a realidade dos estudantes;
3. Livros e outros recursos frequentemente privilegiam histórias, cientistas, autores e perspectivas europeias ou brancas, negligenciando a contribuição de povos indígenas, negros e quilombolas;
4. Figuras e eventos relacionados à história indígena ou negra que são abordados, frequentemente são reduzidos a narrativas de sofrimento e escravidão, sem destacar a resistência, os saberes ancestrais e as conquistas dessas populações;
5. Professores e gestores, muitas vezes inconscientemente, têm expectativas menores em relação ao desempenho de estudantes negros e indígenas, o que impacta sua autoestima e oportunidades acadêmicas;
6. Práticas culturais e saberes de comunidades quilombolas e indígenas frequentemente são desvalorizados ou tratados como exóticos, em vez de legítimos e essenciais para a construção do conhecimento;
7. O não reconhecimento dos saberes locais e das experiências vividas pelos alunos perpetua a exclusão e dificulta a construção de uma educação significativa.

Embora motivos não falem, ao analisar estes sete tópicos me deparo com a implementação superficial das diretrizes, com a persistência do eurocentrismo na educação, com o racismo institucional, desconexão com a realidade dos estudantes, resistência à mudança e principalmente, invisibilização das legislações existentes, pois embora existam leis como a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo, essas diretrizes muitas vezes não são plenamente implementadas. Isso ocorre devido a: falta de fiscalização – não há um acompanhamento sistemático para garantir que essas leis sejam aplicadas nas escolas; negligência dos gestores – muitos gestores escolares priorizam outras demandas em vez de promoverem práticas pedagógicas que valorizem a diversidade.

A partir das vivências e dos saberes compartilhados durante a trajetória do curso, concluo que para reverter este quadro, é necessário:

1. Investir na formação docente contínua com foco em educação antirracista, intercultural e inclusiva;
2. Revisar materiais didáticos para garantir que eles incluam perspectivas não eurocêntricas e contemplem a diversidade cultural brasileira;
3. Promover a conscientização nas escolas sobre o impacto do racismo estrutural e da exclusão social;
4. Valorizar os saberes locais das comunidades indígenas, quilombolas e negras como parte integrante do currículo, trazendo estudantes e suas culturas para o centro do processo educativo;
5. Fiscalizar e aplicar leis existentes, como as que determinam o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, garantindo seu cumprimento.

Esta transformação exige uma mudança estrutural no sistema educacional, além de um compromisso coletivo dos gestores, professores, estudantes e comunidades para construir uma escola verdadeiramente inclusiva e representativa.

2.1 Contribuição dos autores

2.1.1 Antônio Bispo dos Santos – Nêgo Bispo

Com foco na Epistemologia Quilombola, Bispo defendia o conceito de "epistemologias das territorialidades" e o reconhecimento dos saberes originários como formas legítimas de conhecimento. Segundo ele, o trabalho realizado nos territórios quilombolas, como o cultivo da mandioca, não se restringe à economia, mas também preserva memórias e modos de vida. Sua obra inspira a valorização das práticas quilombolas enquanto formas de resistência histórica e cultural. Sua perspectiva amplia o conceito de educação para além da visão eurocêntrica, propondo que as práticas pedagógicas valorizem conhecimentos comunitários e coletivos. Neste projeto, Nêgo Bispo inspira estratégias pedagógicas que integram narrativas históricas e culturais invisibilizadas pelo sistema educacional tradicional.

2.1.2 Daniel Munduruku

Na perspectiva da Educação Indígena, Munduruku traz reflexões sobre a importância da oralidade, da cosmologia e da espiritualidade indígenas na formação escolar. Ele também ressalta a relevância de ensinar o respeito à diversidade cultural desde cedo. Sua abordagem pedagógica valoriza o diálogo entre culturas, essencial para contextualizar a história dos quilombos e do cultivo da mandioca. Obras como "Histórias que eu ouvi e gosto de contar" reforçam a importância de integrar histórias orais nas práticas pedagógicas. Neste projeto, Daniel Munduruku oferece caminhos para inserir as narrativas indígenas no currículo escolar, promovendo uma educação crítica, humanizada e que combata estereótipos sobre os povos originários.

2.1.3 Eliane Cavalleiro

No combate ao Racismo na Educação, Cavalleiro aborda o racismo estrutural e institucional no sistema educacional, analisando como práticas excludentes afetam o desempenho e o bem-estar de crianças negras. Ela também destaca a necessidade de formar professores para atuar de forma antirracista.

Em sua obra “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”, Cavalleiro enfatiza a necessidade de combater o racismo estrutural no ambiente escolar e integrar histórias e culturas afrodescendentes ao currículo, contribuindo para o reconhecimento e valorização da contribuição quilombola na formação do Brasil. Essa abordagem pedagógica permite problematizar a exclusão das histórias quilombolas e indígenas do ensino regular. Neste projeto, Eliane Cavalleiro fornece subsídios teóricos e práticos para combater o racismo na escola, além de orientar políticas e práticas pedagógicas que promovam equidade racial.

Por fim, as lutas, as ressignificações, as histórias e práticas das comunidades indígenas e quilombolas, como o cultivo da mandioca e a preservação de suas tradições, oferecem uma base rica e inspiradora para o desenvolvimento deste projeto. Estes elementos reforçam o protagonismo dos povos originários e tradicionais na construção da sociedade brasileira e evidenciam sua resistência histórica contra a opressão.

2.1.4 Lei Nº 10.639/2003 e Lei Nº 11.645/2008

As Leis Nº 10.639/2003 e 11.645/2008 são marcos importantes na educação básica brasileira, pois determinam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas.

A Lei Nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica. Buscando valorizar a história, as lutas, as culturas e as tradições africanas e afro-brasileiras, que foram negligenciadas ou distorcidas ao longo da história, com enfoque obrigatório às civilizações africanas, suas organizações sociais, culturais e políticas antes da colonização, refletindo sobre a influência da diáspora africana na formação da sociedade brasileira, abordando temas como resistência negra, quilombos e religiões de matriz africana e promovendo uma educação que combata o racismo estrutural e valorize a diversidade cultural no ambiente escolar.

A Lei Nº 11.645/2008 ampliou o alcance da Lei Nº 10.639/03, incluindo a obrigatoriedade de ensinar a história e cultura indígena. A lei destaca a importância de ensinar sobre os povos originários do Brasil, abordando sua história, culturas, línguas, conhecimentos tradicionais e contribuições para a sociedade brasileira, buscando romper com estereótipos que apresentam os indígenas como figuras do passado, enfatizando sua presença, diversidade e lutas atuais. As histórias afro-brasileiras e indígenas são tratadas como complementares, promovendo uma visão mais abrangente sobre a formação do Brasil.

As duas leis têm como objetivo corrigir invisibilizações históricas no currículo escolar, promovendo uma educação mais plural e democrática. Diante das Leis e suas Diretrizes Curriculares, ainda enfrentamos desafios, pois muitos docentes não se sentem preparados para trabalhar com os conteúdos exigidos pelas leis, seja por falta de conhecimento, formação ou recursos; A predominância de narrativas eurocêntricas ainda dificulta a inserção plena das histórias afro-brasileira e indígena; Algumas escolas, professores e famílias resistem à implementação dessas leis, muitas vezes por desinformação ou preconceito; A aplicação das leis varia entre os estados e municípios, e muitas vezes sua execução não é devidamente monitorada.

As Leis 10.639/03 e 11.645/08 representam um avanço na luta por uma educação antirracista, mas sua eficácia depende de esforços conjuntos para superar os desafios da implementação. Na prática, essas leis têm o potencial de transformar

a escola em um espaço de valorização da diversidade, de construção de uma sociedade mais justa e de combate ao racismo e à exclusão social.

2.2 (Des) envolvimento das atividades

A organização das atividades dá-se a partir da estrutura ontológica de Nego Bispo. Diferente da lógica de “começo, meio e fim” das tradições ocidentais, Bispo nos apresentou a ideia de que tudo está em constante renovação. A vida e a história não terminam, voltam ao início para ressignificar e criar novas possibilidades. Essa visão reflete uma concepção cíclica do tempo e do existir, muito comum em tradições africanas e indígenas.

1º Etapa: Introdução e Sensibilização

Roda de Conversa – "O que sabemos sobre o Quilombo Castainho em Garanhuns e o cultivo da mandioca?"

Objetivo: Estimular o diálogo e a troca de saberes entre os participantes sobre o Quilombo Castainho e a importância do cultivo da mandioca como prática cultural, econômica e histórica.

Envolvimento:

1. Começo:

- Organizar as cadeiras em círculo, contribuindo para a criação de um ambiente igualitário e acolhedor entre os participantes.
- No centro, dispor elementos simbólicos, que instiguem curiosidade e admiração, como pilões, peneiras, pedaços de mandioca e imagens afins.

2. Meio:

- O facilitador apresenta brevemente o Quilombo Castainho, localizado em Garanhuns-PE, abordando sua importância econômica, cultural e política para a preservação e manutenção da cultura afrobrasileira no Brasil.
- Perguntar aos participantes: “O que já sabem ou ouviram falar sobre o Quilombo Castainho?”, “Qual a relação entre quilombo e mandioca?”, “Por que a mandioca é destacada na nossa cultura?”.
- Anotar as respostas em um quadro ou cartolina, utilizando duas categorias: “saberes que já possuímos” e “saberes a serem investigados”.

3. Fim:

- Refletir com o grupo o quão os quilombos são territórios de resistência e promoção cultural, ligando a mandioca com a alimentação dessas comunidades e o sustento a partir dos produtos produzidos por ela.

Exibição de Imagens e Vídeos – "Quilombos e o Cultivo da Mandioca na Região"

Objetivo: Ilustrar, de forma visual e audiovisual, o cotidiano do Quilombo Castainho e o processo de cultivo e beneficiamento da mandioca, ampliando a compreensão cultural dos participantes.

Envolvimento:

1. **Começo:**

- Escolher vídeos curtos e imagens que retratem o Quilombo Castainho e a importância da mandioca, incluindo etapas como plantio, colheita e produção de farinha ou beiju.
- Se possível, incluir depoimentos de moradores do quilombo ou registros históricos da região.

2. **Meio:**

- Apresentar os materiais selecionados, organizando-os em uma sequência que conecte os aspectos históricos, culturais e econômicos do tema.
- Durante a exibição, incentivar que os participantes anotem suas percepções, curiosidades ou sentimentos despertados.

3. **Começo:**

- Conduzir um diálogo sobre o que mais chamou atenção, conectando os elementos visuais com os saberes compartilhados na roda de conversa.
- Levantar questões como: "O que aprendemos sobre a relação dos quilombos com a terra e a mandioca?" ou "Como esses registros fortalecem a luta pela preservação da cultura quilombola?".

Leitura de Textos – "Histórias Locais e Literárias sobre Quilombos"

Objetivo: Estimular a reflexão crítica e a valorização cultural por meio da leitura de textos de Daniel Munduruku ou narrativas locais sobre quilombos e tradições.

Envolvimento:

1. **Começo:**

- Selecionar um conto de Daniel Munduruku que dialogue com o tema da resistência ou narrativas locais que abordem o Quilombo Castainho ou histórias relacionadas à cultura quilombola e à mandioca.
- Levar exemplares físicos ou projetar os textos para leitura coletiva.

2. **Meio:**

- Realizar a leitura em voz alta, alternando entre o facilitador e os participantes. Para textos mais curtos, a leitura pode ser compartilhada em grupo; para textos longos, o facilitador pode resumir trechos e destacar as partes mais relevantes.
- Após a leitura, discutir as mensagens centrais, conectando-as à realidade do Quilombo Castainho e à importância cultural do cultivo da mandioca.
- Perguntar aos participantes: "Como essas histórias nos ajudam a compreender melhor a importância dos quilombos?" e "Quais valores culturais percebemos nessas narrativas?".

3. **Começo:**

- Propor que os participantes escrevam uma breve reflexão ou ilustrem a história lida, conectando as narrativas às suas próprias experiências ou à realidade local.

2ª Etapa: Pesquisa e Contextualização

Localizar o Quilombo Castainho no mapa de Garanhuns

Objetivo: Familiarizar os participantes com a localização do Quilombo Castainho, compreendendo seu contexto geográfico, histórico e cultural no município de Garanhuns (PE).

Envolvimento:

1. **Começo:**

- Disponibilizar mapas físicos ou digitais de Garanhuns e de Pernambuco.
- Marcar a localização do Quilombo Castainho, destacando sua proximidade com áreas urbanas, rios e regiões de plantio.

2. **Meio:**

- Apresentar brevemente o mapa, explicando suas legendas e referências.
- Propor que os participantes localizem o Quilombo Castainho no mapa e discutam a relação entre o território e os modos de vida quilombolas (ex.: proximidade com recursos naturais).

3. **Começo:**

- Dialogar sobre a importância do território para a identidade e resistência das comunidades quilombolas, conectando-o às lutas pela terra e pela preservação cultural.
- Relacionar a localização ao contexto histórico e geográfico, destacando como a mandioca é cultivada nas condições climáticas da região.

Pesquisa sobre a formação dos quilombos e o uso da mandioca como fonte de renda

Objetivo: Compreender o processo histórico de formação dos quilombos no Brasil e a importância da mandioca como alimento e fonte de sustento econômico das comunidades quilombolas.

Envolvimento:

1. **Começo:**

- Dividir os participantes em grupos e fornecer textos, imagens ou acesso à internet para pesquisarem sobre:
 - a) A história dos quilombos no Brasil, com destaque para o Quilombo Castainho.
 - b) O papel da mandioca como base alimentar e econômica para comunidades quilombolas.
- Incentivar o uso de perguntas norteadoras, como: "Por que os quilombos surgiram?", "Qual a relação entre a mandioca e a

sobrevivência dessas comunidades?" e "Como os quilombos preservam seus saberes?".

2. Meio:

- Cada grupo apresenta suas descobertas em cartazes, resumos ou mapas conceituais.
- Destacar os elementos comuns nas apresentações e refletir sobre a relevância histórica e cultural das práticas quilombolas.

3. Começo:

- Relacionar o papel da mandioca na autonomia das comunidades quilombolas com a importância atual de valorizar essas tradições no combate ao racismo e na preservação cultural.

Analisar o ciclo de cultivo da mandioca

Objetivo: Entender o processo de cultivo da mandioca, incluindo as etapas de plantio, crescimento, colheita e beneficiamento, relacionando-o às práticas sustentáveis dos quilombos.

Envolvimento:

1. Começo:

- Apresentar vídeos, diagramas ou imagens sobre o ciclo da mandioca, abordando as etapas:
 - a) Preparação do solo.
 - b) Plantio da maniva (rama da mandioca).
 - c) Crescimento e cuidados.
 - d) Colheita e uso (farinha, tapioca, beiju, etc.).
- Discutir as condições necessárias para o cultivo (solo, clima, água) e como as comunidades quilombolas adaptam esse cultivo às suas realidades.

2. Meio - Atividade prática:

- **Materiais necessários:** Potes recicláveis (garrafas PET cortadas, latas), mudas de mandioca ou ramos (manivas), terra adubada, água e rótulos para identificação.
- **Envolvimento:**
 - a) Ensinar o preparo do solo nos potes ou pequenos canteiros.
 - b) Demonstrar como plantar a maniva (posicionamento e profundidade).
 - c) Explicar os cuidados básicos (frequência de rega, luz solar, etc.).

3. Começo:

- Propor que os participantes registrem o crescimento das plantas por meio de desenhos ou anotações.
- Relacionar o cultivo simbólico à importância do respeito pela terra e pelo trabalho agrícola.

3ª Etapa: Práticas e Produção

Oficina de Culinária – Preparação de pratos derivados da mandioca

Objetivo: Vivenciar o preparo de alimentos típicos derivados da mandioca, valorizando saberes tradicionais e fortalecendo a conexão com a cultura quilombola.

Envolvimento:**1. Começo:**

- Organizar os ingredientes e utensílios necessários para a preparação dos pratos, como tapioca, beiju e bolos (ex.: goma de mandioca, farinha, coco ralado, açúcar, leite, entre outros).
- Dividir os participantes em grupos, atribuindo a cada grupo a responsabilidade por uma receita.

2. Meio:

- Explicar a origem e o significado cultural de cada prato na culinária quilombola e afro-brasileira.
- Demonstrar o passo a passo das receitas, destacando a importância de técnicas como peneirar a goma, moldar o beiju ou bater a massa do bolo.
- Os participantes executam as receitas sob orientação, promovendo um momento de troca de saberes.

3. Fim:

- Após o preparo, organizar uma mesa para a degustação coletiva dos pratos.
- Refletir sobre a importância da mandioca na cultura alimentar brasileira e como ela representa resistência e autonomia nas comunidades quilombolas.

Representações Artísticas – Desenho, colagem ou confecção de maquetes

Objetivo: Expressar criativamente a relação do quilombo com a mandioca, representando os elementos culturais, históricos e geográficos envolvidos.

Envolvimento:**1. Começo:**

- Apresentar imagens ou vídeos sobre o Quilombo Castainho e o cultivo da mandioca, incentivando os participantes a observarem elementos marcantes, como casas, plantações, utensílios, rios e o ambiente ao redor.

2. Meio:

- **Materiais para desenho:** Papel, lápis de cor, canetinhas, tintas e pincéis.
- **Materiais para colagem:** Revistas, jornais, papéis coloridos, cola, tesoura.
- **Materiais para maquetes:** Papelão, argila, palitos, sementes, pedaços de tecido e outros materiais recicláveis.
- Cada participante ou grupo escolhe um formato artístico (desenho, colagem ou maquete) para representar o quilombo e a mandioca.

3. Fim:

- Cada grupo ou indivíduo apresenta sua criação, explicando os elementos representados e o que aprenderam durante a atividade.

- Refletir sobre a importância da arte como ferramenta para preservar e divulgar a história e a cultura quilombola.

Estudo de proporções no cultivo da mandioca e cálculo de custos e rendimento

Objetivo: Aplicar conceitos matemáticos para compreender as proporções e cálculos relacionados ao cultivo da mandioca e sua transformação em produtos, explorando noções de economia e sustentabilidade.

Envolvimento:

1. Começo:

- Apresentar a ideia de proporções no cultivo, exemplificando:
 - a) Quantidade de mandioca necessária para produzir 1 kg de farinha.
 - b) Relação entre o espaço de plantio e a produção esperada (ex.: 1 hectare pode produzir até 15 toneladas de mandioca).
- Propor problemas simples para os participantes resolverem, como:
 - c) "Se 5 kg de mandioca produzem 2 kg de farinha, quantos kg de farinha serão obtidos com 25 kg de mandioca?"

2. Meio:

- Simular os custos de produção, considerando:
 - a) Preço da mandioca por kg.
 - b) Custo de transporte e mão de obra.
- Pedir que os participantes calculem o rendimento, considerando o valor de venda de produtos como farinha ou tapioca. Exemplo:
 - c) "Se o custo total para produzir 10 kg de farinha é R\$ 30, e cada kg é vendido a R\$ 10, qual será o lucro obtido?"

3. Fim:

- Discutir como os cálculos ajudam a entender a viabilidade econômica do cultivo da mandioca e sua importância como fonte de renda para comunidades quilombolas.
- Relacionar a matemática ao contexto cultural e social, mostrando como ela é aplicada no cotidiano.

4ª Etapa: Culminância – Feira Cultural

Exposição dos Trabalhos Produzidos pelos Alunos

Objetivo: Apresentar as produções realizadas durante as atividades anteriores, destacando a importância da cultura quilombola e do cultivo da mandioca como elementos de resistência e identidade cultural.

Envolvimento:

1. Começo:

- Preparar o ambiente com mesas, painéis ou murais para exibir desenhos, colagens, maquetes e resumos das pesquisas.
- Usar decoração temática com elementos que remetam aos quilombos e à mandioca, como peneiras, cestos, pilões, manivas e folhas de bananeira.

2. Meio:

- Disponibilizar etiquetas com o nome dos autores e uma breve explicação sobre cada trabalho.
- Criar um percurso que permita aos visitantes conhecerem as diferentes produções, proporcionando um contato direto com os aprendizados dos alunos.

3. Começo:

- Convidar os alunos a atuarem como mediadores, explicando o processo de criação dos trabalhos e as reflexões desenvolvidas em cada etapa.

Apresentações Culturais Inspiradas nos Quilombos

Objetivo: Valorizar e compartilhar elementos da cultura afro-brasileira por meio de apresentações artísticas que expressem o aprendizado sobre os quilombos e suas tradições.

Envolvimento:

1. Começo:

- Dança: Ensaiar uma apresentação de ritmos tradicionais afro-brasileiros, como o samba de roda ou o coco, incorporando elementos culturais quilombolas.
- Música: Preparar uma roda de música com instrumentos como atabaques, tambores ou chocalhos, cantando canções de matriz africana ou composições criadas pelos alunos sobre os quilombos.
- Contação de histórias: Escolher narrativas locais ou textos de autores como Daniel Munduruku e ensaiar uma dramatização ou leitura expressiva para o público.

2. Meio:

- Montar um pequeno palco ou espaço central para as apresentações.
- Dividir o evento em blocos para alternar entre dança, música e contação de histórias, envolvendo diferentes grupos de alunos.

3. Começo:

- Convidar pais, responsáveis e membros da comunidade local para prestigiarem as apresentações, fortalecendo o vínculo entre escola e sociedade.

Degustação de Pratos Derivados da Mandioca

Objetivo: Encerrar o evento celebrando a cultura alimentar quilombola, compartilhando os pratos preparados pelos alunos na oficina de culinária.

Envolvimento:

1. Começo:

- Dispor os pratos derivados da mandioca, como tapioca, beiju, bolos, farofa, e outros preparados na oficina.
- Decorar a mesa com elementos naturais, como folhas de bananeira, manivas e pequenos utensílios tradicionais.

2. Meio:

- Convidar os alunos a apresentarem brevemente os pratos e seu significado cultural.
- Sugerir que eles expliquem o processo de preparo e a relação dos alimentos com a história e a economia quilombola.

3. Começo:

- Organizar a fila para a degustação, garantindo que todos tenham a oportunidade de experimentar os pratos.
- Estimular os visitantes a refletirem sobre a riqueza e a importância da mandioca na cultura afro-brasileira.

Integração e Reflexão Final

1. Encerramento com roda de conversa:

- Reunir alunos, professores e convidados em uma roda de conversa para refletirem sobre as aprendizagens adquiridas e a relevância do tema.
- Levantar questões como: "O que mais aprendemos sobre os quilombos e sua contribuição para nossa cultura?" e "Como podemos continuar valorizando esses saberes?".

2. Agradecimentos e celebração:

- Agradecer aos participantes, destacando a importância de cada um na construção do evento.
- Finalizar com uma música ou dança coletiva para celebrar o sucesso do projeto.

Esse **Evento Final** proporciona um momento de celebração e reflexão, envolvendo a comunidade escolar na valorização da cultura quilombola e dos saberes tradicionais, consolidando a aprendizagem em um ambiente de partilha e pertencimento cultural.

3 METODOLOGIA

O projeto visa fomentar a educação antirracista através do estudo das histórias dos quilombos e através cultivo da mandioca como símbolo de resistência e sustento. Essa abordagem é fundamentada na valorização da ancestralidade e na promoção da inclusão social, alinhando-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Currículo de Pernambuco. A metodologia propõe atividades interdisciplinares e participativas para integrar estudantes, professores e comunidades quilombolas na construção de um saber coletivo.

Sendo assim, este projeto tem como objetivo geral: Promover a aprendizagem interdisciplinar sobre o quilombo de Castainho em Garanhuns-PE e o cultivo da mandioca como fonte de renda, resistência e preservação cultural. E objetivos específicos: *i)* reconhecer a importância do quilombo de Castainho para preservação de saberes e práticas tradicionais; *ii)* compreender o papel da mandioca como base econômica e cultural para a comunidade quilombola; *iii)* refletir sobre a luta contra o racismo estrutural; Valorizar a diversidade cultural.

O projeto se fundamenta em autores como Antônio Bispo dos Santos, Daniel Munduruku, Eliane Cavalleiro e nas Leis Nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que discutem o papel da escola na desconstrução do racismo e na valorização das histórias e culturas afro-brasileiras, a compreensão das comunidades quilombolas como

espaços de resistência e construção de identidades, o cultivo da mandioca como prática ancestral que alia sustento, preservação do meio ambiente e cultura alimentar.

A metodologia está estruturada em atividades interdisciplinares e dialógicas, organizadas em quatro etapas principais e entre seis áreas de conhecimento: História, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa, Arte e Matemática. As atividades aqui propostas, podem ser aplicadas em turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental anos iniciais. A avaliação será processual e qualitativa, considerando a participação ativa nas atividades e reflexões críticas, a qualidade dos produtos desenvolvidos e articulação entre os temas abordados e a mudanças percebidas na percepção sobre diversidade cultural e combate ao racismo.

Esta metodologia busca integrar a escola às comunidades quilombolas, promovendo o respeito à diversidade e o combate ao racismo. O cultivo da mandioca, como prática central, simboliza não apenas sustento, mas também resistência cultural e histórica, contribuindo para a formação de uma educação mais inclusiva e transformadora.

4 RESULTADOS ESPERADOS

O projeto busca aprofundar o conhecimento sobre os quilombos de Garanhuns, destacando suas histórias de resistência e organização social. Essas comunidades representam não apenas espaços de luta contra a opressão, mas também verdadeiros patrimônios culturais, cujas tradições, saberes e modos de vida são fundamentais para a compreensão da diversidade cultural brasileira. Ao integrar esses conhecimentos ao contexto escolar, os estudantes têm a oportunidade de reconhecer a importância histórica e contemporânea dessas comunidades, fortalecendo a consciência crítica e o respeito à diversidade.

A mandioca, cultivada por gerações em comunidades quilombolas, é considerada neste projeto como um símbolo de resistência e sustento. Mais do que alimento, ela representa autonomia econômica e conexão ancestral com a terra. O fortalecimento da identidade cultural, promovido pela valorização de práticas tradicionais como o cultivo da mandioca, é uma estratégia essencial para combater o racismo estrutural. Por meio de vivências e práticas educativas, espero que este projeto contribua para que estudantes compreendam a relevância desses elementos culturais, construindo uma sociedade mais justa e inclusiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÕES

Este projeto de cunho antirracista e afrocentrado reafirma o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o respeito à diversidade e a valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas sejam práticas cotidianas. Entendo que o enfrentamento do racismo exige ações contínuas, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, por meio da educação, da sensibilização e da implementação de políticas que promovam a equidade.

É fundamental reconhecer que a luta antirracista é um processo de desconstrução e aprendizado constante, que demanda esforços colaborativos de instituições, comunidades e indivíduos. Este projeto, portanto, não se encerra aqui; ele deve ser visto como um ponto de partida para novas reflexões e ações transformadoras.

Agradeço a todos os envolvidos pelo engajamento e reforço que o caminho para uma sociedade livre de racismo depende da coragem de enfrentar preconceitos e

desigualdades históricas, construindo um futuro onde a pluralidade seja celebrada e o respeito seja inegociável.

Neste momento também lembro das palavras de Bárbara Carine que ressalta que a educação antirracista não se limita a conteúdos específicos, mas permeia todas as disciplinas e práticas pedagógicas, exigindo um compromisso contínuo dos educadores na busca por uma educação mais inclusiva e transformadora.

Que esta iniciativa inspire outras práticas e projetos antirracistas, fortalecendo redes de apoio e promovendo mudanças significativas em todas as esferas sociais.

REFERÊNCIAS

Brasil. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003,

Brasil. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.* São Paulo: Contexto, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias que eu ouvi e gosto de contar.* São Paulo: Callis, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). *Colonialidade e epistemicídio: As comunidades quilombolas e outras epistemologias.* Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). *Colonização, Quilombos: Modos e Significados.* São Paulo: Editora Jandaíra, 2015.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.